

learner in 'origami' instruction de Nobuhiro Furuyama e, *Gestures, knowledge, and the world* de Curtis Lebaron e Jürgen Streeck. Nessa parte, o gesto é definido de dois modos: como uma "janela" da mente, isso é, um processo mental do gesticulador e como parte da interação social. Esta última parte explora o contexto social da interação do gesto e explicita contribuições para o seu funcionamento como recurso comunicativo. A interação entre os participantes é regida por normas culturais, numa interação sócio-individual. Para exemplificar os gestos em ação, Haviland, por exemplo, analisa os gestos indexicais, como *apontar* na cultura maia e na nativa australiana. Os gestos nessas culturas são semelhantes, mas seus códigos, possuem recursos opostos para descrever a orientação espacial. O papel dos gestos também está relacionado com as condições em que ocorrem, dependendo do emissor e do receptor.

A segunda parte, *Gesture in thought* se divide em seis artigos: *Growth points in thinking-for-speaking* de David McNeill e Susan D. Duncan, *How representational gestures help speaking* de Sotaro Kita, *Where do 'most' spontaneous representational gestures actually occur with respect to speech?* de Shuichi Nobe, *Gesture production during stuttered speech: insights into a nature of gesture-speech integration* de Rachel I. Mayberry e Joselynne Jaques, *The role of gestures and other graded language forms in the grounding of reference in perception* de Elena T. Levy e Carol A. Fowler e *Gesture and the transition from one- to two-word speech: when hand and mouth*

come together de Cynthia Butcher e Susan Goldin-Meadow. Essa parte analisa a relação entre linguagem e mente. Desenvolve e justifica os processos mentais e de fala sincronizados com gestos. No passado, os processos analíticos desenvolvidos por psicolinguistas para estudar fala-gesto consideraram somente o léxico e a sintaxe. Posteriormente, imagens foram incluídas. Os códigos lingüísticos e as imagens gestuais formam um sistema único. Por isso, a ênfase está nos processos mentais dos emissores e receptores individualmente. Cabe ao pesquisador escolher qual aspecto deve ser levado em consideração, se os aspectos interiores ou exteriores, ou as perspectivas individuais ou de interação.

A terceira parte, *Modeling gesture performance*, está dividida em três artigos: *Lexical gestures and lexical access: a process model* de Robert M. Krauss, Yih-siu Chen e Rebecca F. Gottesman, *The production of gesture and speech* de Jan P. ter Ruiters e *Catchments and contexts: non-modular factors in speech and gesture production* de David McNeill. Nesta parte, a modelagem fixa um padrão para as teorias de representação do gesto. Pensava-se que processos "decifrados" podiam ser transformados ou explicitados em modelos. Há duas tentativas: o modelo de Robert M. Krauss et al. e o de Jan P. ter Ruiters, que tentaram incluir gestos ao modelo de fala de Levelt, apresentado em 1989. Esses modelos são semelhantes, mas diferem quanto ao objetivo do modelo e sua organização interna.

A quarta e última parte, *From gesture to sign*, apresenta três artigos: *Blen-*

ded spaces and deixis in sign language discourse de Scott K. Liddell, *Gestural precursors to linguistic constructs: how input shapes the form of language* de Jill P. Morford e Judy A. Kegl e *Gesture to sign (language)* de William C. Stokoe. Essa parte liga gestos à linguagem dos sinais, dos surdo-mudos. Uma questão é levantada: há relação entre linguagem dos sinais e gesto natural? As respostas a esta pergunta relacionam gesticulação à linguagem dos sinais, considerando o tempo real, o tempo histórico e tempo evolutivo. Scott K. Liddell analisa o uso dos gestos da linguagem dos sinais norte-

americana como um exemplo do primeiro tipo de relacionamento. Jill Morford e Judy Kegl analisam pessoas surdas da Nicarágua, que foram isoladas durante a ditadura, como um exemplo de tempo histórico, e como um exemplo de tempo evolutivo, William Stokoe analisa o *Homo erectus* cruzando os limites das ações instrumentais para as representações simbólicas.

A obra possui um índice remissivo e as referências bibliográficas são dadas ao final de cada artigo.

Isabel Cristina Rodrigues Ferreira

THOMAS A. SEBEOK

GLOBAL SEMIOTICS. Bloomington: Indiana University Press, 2001, 238 pp.
ISBN 025333957X

Global Semiotics, de Thomas Sebeok, tem como proposta principal fazer uma análise da evolução da semiótica no século passado. Em dezessete artigos, o autor faz uma reflexão a respeito de como se deram as mudanças nesta área, valendo-se não apenas de suas descobertas como pesquisador, mas também de experiências pessoais vividas ao longo de sua carreira. Sebeok pretende, com os episódios autobiográficos que relata, oferecer ao leitor um contexto social para a análise da semiótica. Ao relatá-los, ele mostra seu interesse pela pesquisa semiótica em outros países, em especial com a pesquisa realizada na Hungria, uma vez que este foi o lugar onde nasceu.

Consciente das significativas mu-

danças ocorridas em sua área de 1976 até hoje, Sebeok introduz o seu livro com uma explicação do termo *global semiotics*, na tentativa de abordar a abrangente difusão da semiótica atualmente e de investigar como esta tem sido aplicada nas mais diversas áreas de interesse. Após a definição do termo, feita no primeiro capítulo ("Global Semiotics"), o autor inicia o capítulo seguinte ("The Evolution of Semiosis") falando sobre a evolução do signo, questão que volta a ser abordada no capítulo 5 ("Sign, Bridges, Origins"). O autor também se preocupa com o uso da semiótica em várias partes do mundo, a avaliação das diferentes linhas de pensamento dentro da semiótica, a importância da comunicação não-verbal,

e os inúmeros trabalhos publicados na área de pesquisa, principalmente nos Estados Unidos, Canadá e Alemanha.

Sebeok acredita ser impossível criar uma oposição entre natureza e cultura, e entre organismo e meio-ambiente, partindo do pressuposto de que a cultura está implantada na natureza, enquanto que o meio-ambiente é um modelo gerado pelo organismo. A semiótica tem como função interligar estes elementos, uma vez que o meio-ambiente é modulado por signos. Os profissionais de semiótica têm como objetivo tentar interpretar o interminável fluxo de mensagens passado de uma geração para a outra.

Sebeok reflete também, ainda no início do livro, sobre o fato de existirem poucos profissionais especializados em sua área. Argumenta que importantes nomes da semiótica entraram neste campo através da filosofia, enquanto outros começaram a demonstrar interesse pela área através do estudo da linguística e outras áreas afins. A partir de então, narra a trajetória de sua investigação semiótica, que o levou ao estudo da biossemiótica, que por sua vez lhe chamou a atenção para a semiótica global. No capítulo 12 (“Some Reflections on Vico in Semiotics”) o autor refere-se a outros teóricos no campo da semiótica e suas respectivas linhas de pesquisa.

A princípio, Sebeok começou a estudar a forma como os animais se comunicavam, com o intuito de descobrir se haveria alguma relação ou influência na forma de comportamento dos seres humanos ao se comunicarem. Através da

zoossemiótica, iniciou-se a aplicação da semiótica não só à espécie humana, mas a todo o reino animal. Os subgêneros da semiótica descobertos posteriormente, tais como a fitossemiótica (semiose nas plantas), micossemiótica (semiose em fungos) e microsemiótica (semiose em bactérias) agrupam-se no domínio da chamada *biossemiótica*. Portanto, a semiótica global refere-se à semiótica denominada ‘normal’ e à *zoossemiótica*: a primeira classifica o homem como uma entidade cultural, enquanto que a segunda o classifica como uma entidade biológica. Tais questões são abordadas nos capítulos 3 (“Biosemiotics: Its Roots, Proliferation, and Prospects”), 6 (“What Do We Know about Signifying Behavior in the Domestic Cat (*Felis catus*)?”), 7 (“‘Give Me Another Horse’”), 10 (“‘Tell Me, Where Is Fancy Bred?’: The Biosemiotic Self”) e 11 (“The Cognitive Self and The Virtual Self”). O capítulo 14 (“The Music of the Spheres”), tratando ainda do mesmo assunto, aborda a relação feita entre a semiótica da cultura e a semiótica da natureza (semiótica no seu significado mais amplo *vs.* biossemiótica), esclarecendo a estreita linha de divisão entre elas, que leva a uma doutrina unificada de signos dentro da ciência.

O capítulo 4 (“Galen in Medical Semiotics”) trata especificamente da interpretação de sintomas e síndromes, que são tipos especiais de signos indexicais.

Sebeok fala ainda da diferença entre a comunicação verbal e a não-verbal. A primeira restringe-se ao homem, enquanto que a segunda refere-se a todo

organismo vivo. O capítulo 8 (“Nonverbal Communication”) destina-se à investigação da comunicação não-verbal, que pode ocorrer tanto dentro de um só organismo, quanto entre dois ou mais organismos. Os processos que ocorrem dentro da organização biológica são estudados pela biossemiótica e seus subgêneros. O termo *semiosis*, por sua vez, pode se referir a operações de sinais químicos, térmicos, mecânicos e elétricos. Para ilustrar a comunicação não-verbal entre mais de um organismo, o autor investiga o comportamento de animais no processo da comunicação, como o comportamento do gato e o do cavalo, tratados nos capítulos 6 e 7. Tal comportamento é visto como um sinal indexical, já que ele aponta para seu interpretante. Seu padrão está relacionado com as expressões de emoção, como forma de se enviar uma determinada mensagem. Sebeok comenta que todo organismo se comunica através do uso de modelos ao seu redor, e como todo modelo é composto de signos, é fundamental aprender como produzi-los para que a comunicação seja estabelecida.

Sebeok aborda também, dentro da comunicação não-verbal, a importância dos gestos ao se narrar uma anedota ou a

importância da linguagem do corpo, no estudo da *cinésica*. Tais considerações são feitas no capítulo 9 (“Intersemiotic Transmutations: A Genre of Hybrid Jokes”).

Além das questões já mencionadas, no capítulo 13 (“Women in Semiotics”) são feitas especulações na tentativa de se descobrir as razões pelas quais as mulheres levaram tanto tempo para alcançar identidade profissional na área de semiótica.

Nos três capítulos finais (“The Estonian Connection”, “My ‘Short Happy Life’ in Finno-Ugric Studies” e “Uralic Studies and English for Hungarians at Indiana University: A Personal View”), o autor tenta concluir sua linha de pensamento. Revela ter sido testemunha da metamorfose paradigmática ocorrida na área da semiótica no século passado, acreditando ter sido esta uma revolução irreversível.

Sebeok sempre teve a preocupação de informar e divulgar o estudo em que a semiótica se encontrava em dada época: iniciou seu trabalho com a obra *The Semiotic Web* e o terminou com o livro em questão, *Global Semiotics*.

Regina Lopes dos Santos